



Os porcos não desaparecem assim sem mais nem menos, pensou George ao olhar para o fundo da pocilga completamente vazia. Experimentou fechar os olhos e abri-los outra vez, para verificar se era algum tipo horrível de ilusão óptica. Mas quando olhou outra vez, não havia sinal do corpo rosado e enlameado do porco. Aliás, quando George voltou a examinar a pocilga, a situação só piorou. Reparou que a cancela lateral estava aberta, e isso significava que alguém não a tinha fechado como devia ser. E essa pessoa provavelmente fora ele.

— Georgie! — ouviu a mãe chamá-lo da cozinha. — Vou começar a preparar o jantar, portanto só tens cerca de uma hora. Já fizeste os trabalhos de casa?

— Sim, mãe! — gritou com um falso entusiasmo.

— E o porco, está bem?

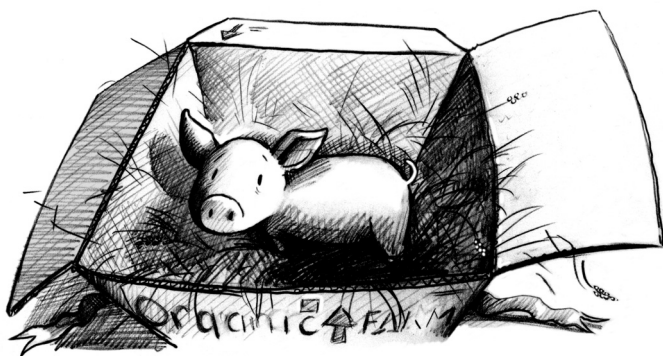
— Está ótimo! Ótimo! — disse numa voz esganiçada. Grunhiu uns quantos *oinc, oinc*, só para dar a entender que estava tudo bem como de costume ali no pequeno quintal das traseiras cheio de uma grande variedade de hortalças e donde um porco enorme desaparecera misteriosamente. Grunhiu mais um par de vezes — era muito importante que a mãe não viesse ao quintal antes de ter tempo para pensar num plano. Só que não fazia bem ideia de como ia encontrar



o porco, metê-lo na pocilga, fechar a cancela e voltar a tempo do jantar. No entanto, estava já a matutar nisso e seria mau se o pai ou a mãe aparecessem antes de ter as respostas todas.

Sabia que os pais não gostavam muito da ideia de ele ter um porco. Nunca quiseram um porco no quintal e o pai, aliás, costumava ranger os dentes com força sempre que se

lembrava do bicho que vivia nas traseiras da casa. O porco fora uma prenda: alguns anos antes, numa fria véspera de Natal, tinham-lhes entregado à porta um caixote de cartão donde saíam guinchos e fungadelas. Quando George o abriu, encontrou um porquinho rosado e muito indignado. Pegou nele com cuidado e ficou deleitado ao ver o seu novo amiguinho contornar a árvore de Natal apoiado nos minúsculos cascos. Havia um bilhete colado ao caixote. *Meus queridos! Feliz Natal! Este pequeno amiguinho precisa de um lar — podem tomar conta dele? Beijinhos, Vovó * * **



O pai não ficara entusiasmado com o novo membro da família. Só porque era vegetariano, isso não queria dizer que gostasse automaticamente de animais. Na verdade, preferia as plantas. Era muito mais fácil lidar com elas: não punham tudo num caos, nem deixavam marcas de lama no chão da cozinha, nem entravam em casa para comer os biscoitos deixados em cima da mesa. Mas George estava encantado por ter um porquinho só para ele. As prendas que recebera dos pais nesse ano foram medonhas, como de costume. A camisola às riscas roxas e alaranjadas que a mãe lhe tricotara tinha mangas enormes que lhe davam quase até ao chão; também nunca quisera o conjunto de flautas de bisel e fora-lhe difícil mostrar-se entusiasmado ao desembulhar o *kit* «construa a sua própria caixa de compostagem doméstica».

O que ele queria mesmo — mais que tudo o que existia no Universo — era um computador. Porém, sabia que era pouco provável que os pais lhe comprassem um. Não gostavam de modernices e tentavam viver com o mínimo possível de aparelhos domésticos. Queriam viver uma vida mais pura e mais simples, lavavam a roupa toda à mão, não tinham carro e a única luz que havia em casa era a das velas, para evitarem usar electricidade.

Fora tudo planeado para dar a George uma educação natural e melhorada, livre de toxinas, aditivos e outras substâncias que faziam mal à saúde. Só que, ao livrarem-se de tudo o que pudesse fazer mal a George, também tinham dispensado muitas coisas que poderiam ser um entretenimento para ele. Talvez os pais gostassem de dançar à volta de um poste enfeitado na festa do Primeiro de Maio, participar em marchas de protesto ecológico ou moer a farinha para fazer o pão. Mas George não. Queria ir a um parque temático e andar nas montanhas-russas, jogar jogos num computador,

ou ir de avião para algum lugar muito, muito longe. Em vez disso, por enquanto tudo o que tinha era o porco.

E que porco lindo era, de facto. Tinha-lhe posto o nome *Fred* e passava muitas horas de felicidade encavalitado numa das pontas da pocilga que o pai tinha construído no quintal e não se cansava de ver o *Fred* a remexer no meio da palha ou a focinhar na terra. À medida que as estações e os anos passavam, o porquinho foi crescendo... crescendo... crescendo... até ficar tão grande que parecia um elefante bebé na pocilga escura. Quanto mais crescia, mais parecia sentir-se fechado na pocilga. Sempre que podia, fugia e andava pelo meio das hortaliças, pisando a rama das cenouras, roendo os rebentos das couves e devorando as flores da mãe. Apesar de ela estar sempre a dizer que era importante amar todas as criaturas vivas, George desconfiava que a mãe não gostava muito do porco nos dias em que o *Fred* lhe destruía o jardim. A mãe também era vege-



tariana como o pai, mas certa vez George ouvira-a murmurar zangada a palavra «salsichas» quando estava a arrumar a confusão depois de uma das escapadelas mais destrutivas do *Fred*.

Mas neste dia em particular não eram as hortaliças que o *Fred* tinha destruído. Em vez de andar como um louco por ali às voltas, fizera uma coisa muito pior. George reparou de repente num buraco grande na cerca que separava a pocilga do quintal da casa ao lado. Ontem aquilo não estava definitivamente ali, só que ontem o *Fred* tinha ficado bem fechado na pocilga. E agora não havia sinal dele. Isso

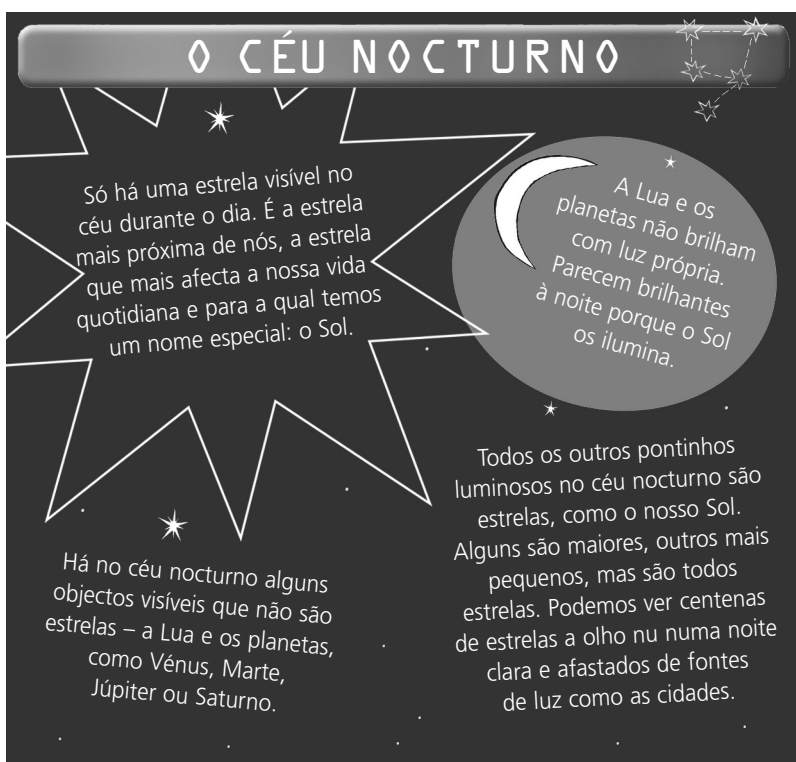


só podia significar uma coisa: que o *Fred*, na sua busca de aventuras, furara a cerca, saíra do quintal e fora para algum lado para onde nunca deveria ter ido.

A Casa do Lado era um lugar misterioso. Estivera sempre vazia desde que se lembrava. Todas as outras casas daquela rua tinham quintais muito bem cuidados nas traseiras, com janelas onde brilhavam luzes à noite e portas a bater sempre que as pessoas entravam e saíam, mas aquela casa estava simplesmente ali — triste, silenciosa e escura. Não tinha miúdos a gritar de alegria logo pela manhã. Não se ouvia nenhuma mãe na porta das traseiras a chamar para o jantar. Aos fins-de-semana não se ouvia nenhum barulho de marteladas nem se sentia o cheiro a tinta fresca porque nunca ninguém vinha consertar os caixilhos partidos das janelas nem limpar as goteiras entupidas. Anos de abandono tinham deixado o quintal num caos total, ao ponto de parecer que tinha crescido uma selva amazónica do outro lado da cerca.

As traseiras da casa de George estavam bem cuidadas, com tudo arrumado e muito aborrecido. Havia fileiras de feijão-trepador muito bem atado a estacas, fileiras de alfaces rechonchudas, ramas de cenouras e ramas de batatas bem comportadinhas. George nem sequer podia jogar à bola sem que esta aterrasse direitinha no meio de um arbusto muito bem cuidado de framboesas e o esmagasse.

Os pais tinham-lhe demarcado uma pequena área para ele cultivar os seus próprios legumes, na esperança de que se interessasse pela horticultura e viesse a ser um agricultor biológico. Mas George preferia contemplar o céu a olhar para a terra. Sendo assim, o seu pequeno pedaço de terreno continuava vazio e por cultivar, vendo-se apenas pedras, ervas rasteiras e terra nua enquanto tentava contar todas as estrelas do céu para saber quantas havia.



Mas a Casa do Lado era completamente diferente. George punha-se muitas vezes em cima do telhado da pocilga para ver a gloriosa floresta emaranhada do outro lado. Os arbustos enormes formavam pequenos e confortáveis buracos que poderiam servir de esconderijo, e as árvores tinham ramos curvos e nodosos, perfeitos para alguém trepar. Havia grandes moitas de silvas, de ramos cheios de picos curvados que se entrecruzavam como linhas numa estação de comboios. No Verão, trepadeiras retorcidas agarravam-se como uma teia verde a qualquer outra planta do quintal; por toda a parte brotavam dentes-de-leão amarelos; havia brancas-ursinas gigantes, cheias de picos e

venenosas, que pareciam uma espécie de outro planeta, e pequenas flores azuis de miosótis que reluziam maravilhosamente naquela louca confusão verde.

Mas a Casa do Lado também era um território proibido. Os pais tinham dito um firme «Não» quando George tivera a ideia de o usar como mais uma zona para brincar. E não tinha sido o tipo normal de «Não» sussurrado e bondoso, do tipo «esquece essa ideia tola». Tinha sido um «Não» bem real, do tipo que não dá para discutir. O mesmo tipo de «Não» que ouvira quando sugerira aos pais comprar um televisor, pois todos os outros miúdos da escola tinham um — e alguns até tinham um no quarto! Por causa dessa coisa da televisão, tivera de ouvir uma longa explicação do pai sobre como o cérebro ficava poluído de ver lixo e tolices. Mas quando se tratara da Casa do Lado, nem sequer recebera um sermão do pai. Apenas um rotundo «Não» que pôs logo fim à conversa.

Todavia, George gostava sempre de saber o *porquê* de tudo. Como já não esperava nenhuma resposta do pai, decidira perguntar à mãe.

«Oh, George», suspirara ela. Estava a cortar couves-de-bruxelas e nabos em cubos para depois os misturar com o resto da massa para bolachas que estava a preparar. Costumava cozinhar com tudo aquilo que estivesse à mão em vez de usar os ingredientes habituais para fazer algo saboroso. «Estás sempre a perguntar coisas a mais.»

«Só quero saber *por que* é que não posso ir à casa do lado», insistira ele. «Se me disseses, não faço mais perguntas durante o resto do dia. Prometo.»

A mãe limpara as mãos ao avental de estampado florido e dera um gole no chá de urtigas. «Está bem, George. Conto-te uma história se mexeres a massa.» Passara-lhe para as mãos a enorme taça e a colher de madeira e sentara-

-se, enquanto ele começava a bater a massa dura e amarela juntamente com os cubos verdes e brancos.

«Quando nos mudámos para cá, ainda eras tu muito pequenino, vivia um velho naquela casa. Raramente o víamos, mas lembro-

-me bem dele. Tinha a barba mais comprida que já vi: chegava-lhe até aos joelhos. Ninguém sabia bem que idade tinha, mas os vizinhos diziam que ele vivia ali desde sempre.»

«Que lhe aconteceu?», perguntara George, já esquecido da promessa de não fazer mais perguntas.

«Ninguém sabe», respondera a mãe num tom de mistério.

«Como assim?», perguntara ele, parando de bater a massa.

«Apenas isso, ninguém sabe. Estava sempre ali. Mas um dia deixou de estar.»

«Se calhar foi de férias», dissera George.

«Se foi, nunca mais voltou. Chegaram a revistar-lhe a casa, mas não havia sinal dele. Desde então a casa tem estado vazia e nunca mais voltaram a vê-lo.»

«Que cena esquisita», exclamara George.

«Aqui há uns tempos», continuara a mãe, dando uma sopradela no chá quente, «ouvimos barulhos lá na casa: pancadas a meio da noite. Também vimos lanternas acesas e depois ouvimos vozes. Uns ocupas quaisquer que tinham



forçado a entrada e estavam a viver lá. A polícia teve de os tirar de lá. E na semana passada pareceu-nos ouvir os ruídos outra vez. Não sabemos quem possa estar naquela casa. É por isso que o teu pai não quer que andes lá por perto, Georgie.»

George continuava a olhar para o buraco enorme na cerca enquanto recordava a conversa com a mãe. Apesar da história que ela lhe tinha contado, queria na mesma ir à Casa do Lado, pois continuava a parecer-lhe misteriosa e atractiva. Porém, querer ir à Casa do Lado quando sabia bem que não podia fazê-lo era uma coisa; mas saber que *tinha mesmo* de o fazer era uma coisa bem diferente. De repente a Casa do Lado pareceu-lhe escura e muito assustadora.

Estava hesitante. Em parte queria voltar para casa, para a luz trémula das velas e para os cheiros familiares e esquisitos dos cozinhados da mãe; queria fechar a porta do quintal e ir outra vez para a segurança e conforto dentro de casa. Mas isso significaria deixar o *Fred* sozinho e possivelmente em perigo. Não podia pedir ajuda aos pais, senão ainda se fartavam das travessuras do porco e vendiam-no para ser transformado em toucinho. Respirou fundo e decidiu que tinha de ir à Casa do Lado.

Fechou os olhos e passou pelo buraco.

Quando saiu do outro lado e abriu os olhos, viu-se no meio do jardim que parecia uma selva. A folhagem da árvore por cima dele era tão densa que quase nem se via o céu. Estava a começar a escurecer e a floresta cerrada parecia tornar tudo ainda mais escuro. Viu uma espécie de caminho pelo meio das ervas altas. Seguiu por aí, na esperança de encontrar o *Fred*.

Atravessou pelo meio de enormes arbustos de silvas que se agarravam à roupa e lhe arranhavam a pele. Pareciam esticar-se na semiescuridão para lhe arranharem os braços

e as pernas com os espinhos afiados. Pisou folhas mortas e enlameadas e sentiu as picadelas das urtigas. E durante esse tempo todo, o vento nas árvores fazia um barulho que parecia cantos e suspiros, como se as folhas estivessem a dizer *Tem cuidado, Georgie... tem cuidado, Georgie.*

O caminho levou-o a uma espécie de clareira, mesmo atrás da casa. Até aqui não tinha visto nenhum sinal do malandro do porco. Mas depois viu uma série de pegadas enlameadas nas pedras rachadas logo à saída da porta das traseiras. As marcas indicaram-lhe o caminho exacto que o *Fred* tinha seguido: marchara direitinho pela casa dentro através da porta entreaberta. Mas o pior foi quando George reparou numa luz a brilhar dentro da casa onde não vivia ninguém há anos e anos.

Estava alguém dentro da casa!

